

**BAKHTIN E O PROCESSO COMUNICACIONAL: NOTAS SOBRE IDEOLOGIA,
SIGNIFICAÇÃO E SUJEITO**

João Francisco Lopes de Lima

jfrancisco.lima@gmail.com

RESUMO: *O presente artigo pretende discutir os conceitos de ideologia, significação e sujeito na perspectiva de Mikhail Bakhtin, a partir de sua obra principal, Marxismo e Filosofia da Linguagem, e as implicações destas formas de compreensão para o processo comunicacional.*

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia, significação, sujeito, Bakhtin.

ABSTRACT: *This article aims to discuss the concepts of ideology, meaning and subject from the perspective of Mikhail Bakhtin, from his main work, Marxism and Philosophy of Language and the implications of these forms of understanding to the communication process.*

KEYWORDS: Ideology, meaning, subject, Bakhtin

Demarcando o terreno da produção intelectual de Mikhail Bakhtin

Mikhail Bakhtin está situado na produção intelectual que floresceu na Rússia do início do século XX, no contexto imediatamente posterior à Revolução Socialista de Outubro de 1917. Junto com Volochínov e com Medviédiev, seus seguidores e especiais amigos, compôs um círculo de intelectuais e desenvolveu estudos de pesquisa fortemente influenciado pelo pensamento marxista. Estuda com afinco as relações entre linguagem e sociedade e busca compreender o efeito das estruturas sociais sobre a produção dos signos lingüísticos.

Mesmo com uma saúde precária, Mikhail Bakhtin, que nasceu em 1895, viveu até 1975. A sua obra de referência, “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*”, foi publicada em 1929, quando ele tinha 34 anos, resultado da parceria com seu amigo Volochínov e sob a assinatura deste. A expressão do reconhecimento de

sua obra se dá somente a partir da década de 1960, bem como a sua distribuição efetiva no mundo ocidental.

Mikhail Bakhtin enfrenta teoricamente duas questões principais: a crítica ao objetivismo abstrato de Ferdinand de Saussure e os excessos do estruturalismo então nascente, a partir da defesa de uma compreensão da língua como fato social essencialmente ligado à necessidade de comunicação, portanto pautado na idéia de signo cercado pela ideologia, inerentemente dialético e plurivalente. O empenho com esse debate, diz Bakhtin, é configurar uma leitura não mecanicista ou positivista da linguagem e, sim, desempenhar “a procura de uma abordagem objetiva, porém refinada e flexível” (2002, p. 48).

A recepção da produção intelectual de Mikhail Bakhtin no mundo ocidental

A chegada do pensamento de Bakhtin ao meio intelectual do Ocidente é em geral tardia e acontece de forma fragmentada. Beth Brait(2003), estudiosa do pensamento do autor, nos informa que o corpo principal de sua obra foi produzido entre 1919 (Arte e Responsabilidade) e 1929 (Marxismo e Filosofia da Linguagem e Problemas da Poética em Dostoyevski). A sua obra clássica sobre Rabelais surge somente em 1965, apesar da produção desta obra ter iniciado na década de 1930.

A maior parte das traduções de sua obra datam da década de 1970 e não ocorreram na ordem em que foram produzidas. As versões de sua obra em línguas ibéricas torna-se significativa somente a partir da década de 1980. A sua obra mais conhecida e possivelmente a mais importante, “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, é vertida para o inglês, para o francês e para o português, em 1973, 1977 e 1979, respectivamente.

Entre meados da década de 1930 e o início dos anos de 1960, Bakhtin viveu sem maiores repercussões acadêmicas. Sua notoriedade surge a partir de 1963, após a reedição de sua obra sobre Dostoyevski e de sua tese sobre Rabelais.

A ideologia como reflexo das estruturas sociais, as suas repercussões sobre a linguagem e a questão do sujeito

Para Bakhtin, o signo e a situação social estão compulsoriamente interligados. Como disse Roman Jakobson (2002, p. 10) no prefácio de *“Marxismo e Filosofia da Linguagem”*, o pensador russo trabalha com a dialética do signo e pretende estabelecer uma leitura de corte sociológico para o estudo da linguagem. A questão da ideologia está presente nesta reflexão a partir da análise dos atravessamentos entre linguagem e sociedade.

A premissa de Bakhtin é de que tudo que é ideológico possui um significado e que o fenômeno da ideologia só pode ser entendido como reflexo das estruturas sociais. Desta forma, a questão do significado está sempre no contexto, portanto, para além particularidade da consciência e do psiquismo do sujeito que busca interpretar ou compreender um signo.

A consciência individual do sujeito, portanto, aparece como produto da esfera sócio-ideológica e, desta forma, portanto, não é possível pensar na perspectiva bakhtiniana, na possibilidade de um sujeito auto-determinado. “A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais”, diz Bakhtin (2002, p. 35).

Uma determinada realidade gera determinados bens simbólicos e o seu significado é revestido de um sentido ideológico. Portanto, o elemento físico ou material que se transforma em signo é denotativo de sentido num dado contexto e este sentido é produzido no plano social. A força simbólica do conteúdo ideológico é representacional e só emerge do processo interacional entre as consciências individuais (Bakhtin, idem, p. 34). Ao contrário do que apontava a filosofia transcendental kantiana que presumia um sujeito capaz de autoconstituir-se, Bakhtin entende que a realidade é organizadora do significado, primeiro no âmbito social e, somente depois, no plano da consciência individual.

Embora a questão da ideologia, como bem lembrou Leandro Konder (2003, p. 163), não possa ser resolvida no âmbito exclusivo da linguagem, Bakhtin situa a palavra como o melhor veículo das formas ideológicas presentes na comunicação. Para Bakhtin (2002, p. 35, 37, 38), a palavra é um signo neutro em si, uma vez que pode preencher qualquer função ideológica produzida na esfera de um sistema de signos gerado no contexto social. É um veículo fundamental do processo comunicacional pois está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação.

A questão da unidade e da pluralidade da significação

O estudo do significado a partir da influência de Bakhtin requer que estejamos atentos a compreensão de que todo o signo é ideológico e que a ideologia é um reflexo das estruturas sociais. Desta forma, “toda modificação da ideologia encadeia [também] uma modificação da língua”, como assinala Marina Yaguello (2002, p. 15) na introdução de *“Marxismo e Filosofia da Linguagem”*.

Na perspectiva de Bakhtin, a variação lingüística reflete as variações sociais, o que faz o signo algo sempre mutável. A significação, portanto, será sempre afetada por elementos da situação enunciativa (aqui entendida como entonação expressiva, ideologia do contexto, etc) e somente uma leitura dialética pode dar conta da problemática da unicidade e da pluralidade da significação.

Na perspectiva de Bakhtin, “o signo é, por natureza, vivo e móvel, plurivalente” (Yaguello, 2002, p. 15). Nesta linha de raciocínio, qualquer tentativa de torná-lo unívoco seria o resultado da força ideológica da classe dominante para impor um determinado sentido. Poderíamos dizer que, para Bakhtin, a produção de sentido é sempre mediada no social e que há uma demarcação do horizonte de compreensão do sujeito a partir desta inter-relação. A unidade de sentido se dá mais pela coerência entre os nexos num determinado contexto do que pela estabilidade dos sentidos, uma vez que estes são tão móveis e dinâmicos quanto o contexto em que são produzidos.

A situação de enunciação, para Bakhtin, é a efetiva realização de uma determinada variação da relação de comunicação social (Voloshinov, 1981) e sempre presume um auditório – presença de um ou de vários atores/locutores – que mobilizam, neste cenário, a produção de enunciados.

No processo comunicacional co-existem o signo, um verdadeiro material social que reflete e refrata uma realidade em permanente transformação, a situação de enunciação e os diferentes modos de discurso, diz Bakhtin (2002, p. 42). O tema e a forma do signo estão interligados. A situação social em que se produzem as unidades comunicacionais que configuram o discurso também está intimamente ligada ao signo (Idem, p. 62). Sendo assim, cada enunciação possui, em si, enquanto unidade de significação em relação a uma realidade, um determinado tema que a demarca, possuindo um sentido único e definido, unitário (Ibidem, p. 128). No entanto, em cada situação histórica concreta, o tema pode ter um sentido diferente.

Essa recontextualização que demarca um sentido novo em cada contexto faz com que um mesmo enunciado ou mesmo um signo específico possa ser reinterpretado em outra situação social. O sentido, portanto, nunca é estável uma vez que “o tema é um *sistema de signos dinâmico e complexo*, que procura adaptar-se adequadamente às *condições de um dado momento da evolução*. O tema é uma *reação da consciência em devir ao ser em devir*”, conclui Bakhtin (2002, p. 129 – grifos do autor). A significação, nesta perspectiva, revela-se um aparato para a realização do tema.

Essa permanente, digamos, acontecência, termo aqui empregado no sentido daquilo que sucede inesperadamente, que comporta a abertura da idéia de *devir*, põe em xeque a perspectiva pensada por Ferdinand de Saussure, para quem um “dado estado da língua é sempre o produto de fatores históricos e são esses fatores que explicam porque o signo é imutável” (Saussure, 1969, p. 86). Segundo Saussure, o caráter arbitrário do signo, que ele chama de “significante” (Idem, p. 82) está no fato de que ele é “imotivado” (Ibidem, p. 83) em relação ao seu significado, “com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.” (Ibidem).

Ao contrário de Bakhtin, que vê a palavra como signo neutro pois pode adquirir múltiplos sentidos em cada situação social, para Saussure, o caráter

arbitrário do signo poderia fazer admitir a possibilidade de mudança do significado. Nesta perspectiva, a relação entre o significante e o significado é sempre racional (Saussure, 1969, p. 87) e atesta a incompetência da massa social para alterá-la, “justamente porque o signo é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição”, diz Saussure (Idem, p. 88).

Carlos Alberto Faraco (1993) reitera a compreensão da linguagem como produto social. O autor desenvolve uma interessante reflexão sobre a dimensão dialógica da produção do significado e aponta que a compreensão da palavra do outro não é unívoca pois as idéias são geradas socialmente e somente significam numa determinada situação social. Desta forma, diz Faraco, a noção de autoria, enquanto obra personalizada de um sujeito específico, perde a relevância, uma vez que “se as idéias são geradas socialmente no infinito e complexo diálogo que caracteriza o universo da criação cultural pouco importa quem assina.” (1993, p. 193).

A concepção coletivista que Bakhtin tem de autoria talvez explique a celeuma em torno da autoria de suas obras, em particular a autoria de *“Marxismo e Filosofia da Linguagem”*. A transformação da palavra do outro em palavra pessoal, na medida em que o processo de construção do sentidos se dá coletivamente, estabelece um processo que Faraco denomina como “esquecimento progressivo da autoria” (Idem, p. 193). A compreensão de que a cultura contempla um “infinito processo de interlocução,” (Ibidem, p. 194), assinala Bakhtin como eixo de um deslocamento da compreensão da problemática dos significados para o processo de interação social e que indica um avanço e um prenúncio de toda a progressão dos estudos de Lingüística e da Análise do Discurso enquanto campo de estudos.

Finalizando: ideologia e significação como fenômenos sociais e a perspectiva do sujeito em Bakhtin

A concepção social de linguagem e a visão da comunicação como algo inerente às circunstâncias humanas, “síntese dialógica dos contrários”, como disse Faraco (1993, p. 197), marca o cenário da produção e da transmutação de significados e demarca uma compreensão de sujeito desde já historicamente localizado. Para operar com esta noção de sujeito, é preciso estar disposto a enfrentar a localização social que este conceito possui na formulação de Bakhtin, uma das marcas evidentes da influência histórica da Rússia revolucionária e do pensamento marxista sobre o seu modo de ler a linguagem e o sujeito capaz de linguagem.

Se o sujeito é sempre histórico, para Bakhtin, o fenômeno da subjetividade enquanto fato psíquico é pouco relevante, uma vez que, para ele, a consciência não se constitui como um processo orgânico, inato, e, sim, como um fato sócio-ideológico. Nesta perspectiva, a constituição do psiquismo subjetivo serviria como objeto para a análise ideológica, embora Bakhtin reconheça a impossibilidade de apreender objetivamente a vivência interior. Ao mesmo tempo, partindo da compreensão de que o signo é a materialidade representacional, não há como ocorrer essa formulação simbólica sem uma apreensão do signo pelo mundo interior. Desta forma, Bakhtin resolve a questão afirmando que a “a realidade do psiquismo interior é a do signo” (2002, p. 49), e, portanto, o que marca a função da atividade psíquica é o processo de significação.

Não há, nesta perspectiva, como compreender a subjetividade humana sem compreender o processo de significação como algo demarcado ideologicamente e que contém no signo o elo de ligação entre o mundo externo (esfera social) e o mundo individual (esfera da consciência). Essa vinculação contingente entre signo e atividade psíquica que encontra na significação o seu vértice, apura uma leitura do sujeito como produto das interações sociais em que a força da ideologia prevalece sobre a força do psiquismo.

O autor reconhece o psiquismo e a atividade do sujeito como uma instância obrigatória para a conformação de uma determinada ideologia, que somente se legitima quando imprime uma determinada regularidade na demarcação dos significados. O autor maximiza essa leitura ao dizer que não há

fronteiras nítidas entre o psiquismo e a ideologia (Idem, p 57) e que não há grande valor na intenção do sujeito enquanto instância de autonomia da vontade, uma vez que esta expressão da subjetividade é sempre e necessariamente demarcada socialmente. Assim, diz o autor, “todo produto da ideologia leva consigo o selo da individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social” (Ibidem, p. 59).

Este sujeito, que, para Bakhtin, é detentor dos conteúdos da sua consciência e responsável pelos seus pensamentos. O processo emancipatório, premissa para a desalienação, conteúdo fundamental do pensamento marxista, é sempre condicionado por fatores sociológicos. A individualidade é, para ele, uma síntese cultural que se apresenta como superestrutura e a atividade mental, não sendo visível, pode ser compreensível, na medida em que opera com marcadores do mundo social, portanto, situada no contexto de signos coletivamente compreensíveis. O material operatório do sujeito enquanto conjunto de signos socialmente construídos, passa pelo ato de compreensão que é igualmente demarcado pela ideologia vigente. Assim, toda atividade mental é sempre uma atividade vinculada a um processo de significados que, assim como a linguagem, é produzido socialmente. Não há desencaixe entre as formulações de sujeito e produção de significado na perspectiva de Bakhtin. Todos trafegam no solo comum das práticas sociais e são banhados pela formação ideológica que este cenário social desencadeia. A ideologia, por sua vez, não opera de forma pura, como um resíduo das práticas sociais, uma vez que ela também se produz do mesmo modo, ou seja, se configura socialmente e, a um só tempo, como bem disse Bakhtin, reflete e refrata a realidade, imprimindo uma dinâmica própria ao processo comunicacional que não é desvinculado da complexa dinâmica da produção de sentido da própria vida humana em cada época histórica.

JOÃO FRANCISCO LOPES DE LIMA

Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2009), atua como diretor-geral das Instituições Martinus, em Curitiba, desde 2008. Possui graduação em Estudos Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1988) e em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul (1992). Fez Especialização em Supervisão Educacional na Faculdade Porto Alegre (1997) e em Administração Escolar na Universidade Candido Mendes (2004). É Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso pedagógico, modernidade e pós-modernidade, gestão educacional.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 10ªed. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002.

BRAIT, Beth. O Discurso sob o Olhar de Bakhtin. IN: GREGOLIN, Maria do Rosário & BARONAS, Roberto (orgs.). *Análise do Discurso: as materialidades do Sentido*. 2ª ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2003

FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin: A Aventura Dialógica. IN: PAZ, F.M. *As Aventuras do Pensamento*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1993, pp. 189-202.

JAKOBSON, Roman. Prefácio. In: BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 10ªed. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002.

KONDER, Leandro. *A Questão da Ideologia*. 1ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

YAGUELLO, Marina. Introdução. In: BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 10ªed. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002.

VOLOSHINOV, V. Estrutura do Enunciado. IN: TODOROV, T. *Mikhail Bakhtin – le principe dialogique*. Paris, Seuil, 1981.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix; Universidade de São Paulo, 1969.